

REGRESSO DA SAGA A CATEDRAL DO MAR

ILDEFONSO FALCONES

NO AMOR
E NA
GUERRA

SUMA

de letras

A Arnau Estanyol

PRIMEIRA PARTE

Lealdade e inocência

Nápoles, 2 de junho de 1442

Provavelmente, desde que Parténope se afogara na baía de Nápoles, depois de Ulisses resistir aos cantos tão sedutores quanto perigosos das sereias, a cidade já se encontrava repleta de mananciais que, com o tempo, formaram a vasta e intrincada rede de túneis e aquedutos que sulcavam o seu subsolo.

Arnau, vinte e cinco anos, conde de Navarcles e de Castellví de Rosanes, general dos exércitos do rei D. Afonso de Aragão, armado com a espada que tantas vezes brandira o seu pai, o almirante Bernat Estanyol, avançava com cautela por um daqueles aquedutos, à luz das tochas, procurando evitar o entrecocar dos restantes apetrechos: armadura, celada, esporas... O jovem militar encabeçava uma fileira composta por vários oficiais e duas centenas de soldados, a maioria besteiros, que seguiam tensos, todos armados, sibilando entre si em surdina ao mínimo ruído e impondo-se silêncio por meio de gestos, atentos às águas que corriam aos seus pés, ajudando-se mutuamente para não resvalarem no lodo e reprimindo o impulso de enxotar as ratazanas que guinchavam, surpreendidas, entre as suas pernas.

À frente de Arnau caminhava Paolo, um rapaz napolitano de quinze anos que, a cada poucos passos, voltava a cabeça com hesitação para confirmar o que já sabia: que o exército aragonês os seguia. Os seus dentes brilhavam então ao reflexo das tremeluzentes labaredas num rosto macilento, fruto da miséria, ele magro, sujo, vestido de farrapos, os pés descalços e as pernas enlameadas até aos joelhos. Paolo também guardava silêncio e, com tímidos gestos das mãos, instava Arnau e os demais a apressarem-se, enquanto os guiava através daquele ignoto universo subterrâneo.

— Crês mesmo que este miúdo sabe para onde nos leva? — ouvira Arnau os seus oficiais a duvidarem.

— Eu não teria assim tanta certeza — queixou-se um deles.

— Não devíamos fiar-nos — acrescentou outro.

— Silêncio! — exigiu-lhes ele.

Arnau precisava de confiar naquele jovem tímido, porque o rei D. Afonso o fizera quando, acompanhado pela mãe, Orsolina, uma padeira lesada pela Administração angevina do rei D. Renato de Anjou, Paolo indicara ao monarca, com voz trémula e as mãos apertadas diante de si, como chegar ao interior do recinto amuralhado.

— Anda sempre a correr por aí abaixo — explicou a padeira, enquanto o rei e os seus oficiais ponderavam em silêncio as palavras do rapaz. — O pai era pedreiro... trabalhava na manutenção e reparação dos aquedutos — acrescentou para o justificar.

Desde que a rainha D. Giovanna II de Anjou, de carácter caprichoso e volúvel, nomeara herdeiro do Reino de Nápoles o rei D. Afonso V de Aragão, no ano de 1421, e este entrara triunfante na cidade, para ser deserdado volvidos apenas dois anos, haviam decorrido vinte e um anos de guerras e conflitos com os franceses.

Em 1432, D. Afonso abandonara definitivamente os seus demais domínios — os reinos de Aragão, Sardenha, Sicília, Valência e Maiorca, bem como o principado da Catalunha — para se concentrar na conquista do maior dos reinos da península itálica: Nápoles. Durante dez anos, os catalães — como os napolitanos os chamavam de forma genérica e depreciativa — haviam guerreado contra os franceses pela posse do reino, aliando-se uns e outros a príncipes e nobres napolitanos e a *condottieri* italianos, muitos deles mercenários que mudavam de bandeira com uma naturalidade exasperante, embora também se houvessem visto obrigados a lutar contra o papa Eugénio IV, contra os genoveses e contra Francesco Sforza, senhor de Ancona, todos eles contrários à conquista aragonesa de um reino da importância e das dimensões do de Nápoles. Naquele ano de 1442, depois de muitas vitórias ao longo de tão vasto território, D. Afonso cercou a capital, que resistia orgulhosa e estoica atrás das suas muralhas, com o auxílio marítimo dos genoveses, cujos navios, carregados de provisões, fundeavam na magnífica baía no sopé do Vesúvio.

Nesse momento, ainda em silêncio, o rei esfregou o queixo perante a expectativa dos seus generais, com os olhos cravados naquele rapaz

trémulo e encolhido que, encostado à mãe, procurava nesse contacto o apoio de uma mulher tão amedrontada quanto podia estar o próprio filho. D. Afonso e o seu exército permaneciam acampados em Campovecchio, na planície que se estendia diante da porta Capuana e das inexpugnáveis muralhas de Nápoles, e aquele jovem oferecia-lhe a possibilidade de alcançar o triunfo que não obtinha nem pela fome nem pelo fogo.

O sol impregnado do Mediterrâneo, que acariciava aqueles soldados aguerridos, augurava o sucesso.

— Seja — sentenciou o rei.

Na noite do segundo dia de junho, Arnau e os seus homens introduziram-se pelo poço do jardim de uma casa situada extramuros e percorreram um dos aquedutos que levavam água à cidade. Ao nível das muralhas, depararam com um muro que impedia a passagem de pessoas. Desmontaram-no com cautela, pedra a pedra, arranhando com facas e lanças em vez de picarem. A tarefa revelou-se morosa, embora não difícil. Ultrapassado o obstáculo, avançaram por baixo das muralhas até chegarem à altura das torres da Carbonara, atravessaram a pequena Igreja de Santa Sofia e foram dar à antiga porta do mesmo nome. Ali, Paolo trepou com agilidade pelas paredes do poço que se abria para o pátio de outra casa. Na escuridão, lançou a corda que lhe rodeava o torso e que depois foi substituída por umas escadas de barco, permitindo aos soldados aragoneses ascenderem a céu aberto.

Houve mal-entendidos. Os que deviam avisar o rei D. Afonso para atacar não o fizeram, por medo ou por erro. D. Renato foi alertado para a anómala proximidade do inimigo no descampado e correu a defender aquele troço da muralha. O aragonês desistiu, convencido de que a expedição noturna falhara, e retirou-se. O francês julgou-se vitorioso e fez o mesmo, regressando à cidadela. No entanto, alguém conseguiu avisar o rei D. Afonso de que Arnau se encontrava no interior, e o monarca corrigiu o seu erro, lançando o ataque com um exército de nove mil homens, entre cavaleiros, infantes e besteiros, apanhando de surpresa os sitiados. Arnau e os seus saíram da casa a que haviam acedido pelo poço, assim como de outras, vizinhas, que tiveram de ocupar devido ao seu número, e assaltaram parte da muralha e uma torre próxima de Santa Sofia.

Os angevinos concentraram a sua fúria sobre aquela torre e sobre os troços de muralha adjacentes, bombardeando-os e crivando-os de setas sem tréguas. Do interior do bastião, responderam ao ataque os

besteiros aragoneses, enquanto Arnau, no adarve, de espada em punho e no comando do resto dos soldados, tentava conter a avalanche de franceses que se lançavam sobre as muralhas.

— Seguidores vencem! — bradava o catalão, entoando o lema do rei D. Afonso enquanto investia com a sua arma. Saltava e movia-se com agilidade, apesar da estreiteza do caminho de ronda, repelindo inimigos, desviando os golpes das lanças arremessadas contra eles e ferindo os angevinos.

— Seguidores vencem! — ressoou o grito de guerra na boca de homens que caíam cada vez em maior número.

Muitos soldados aragoneses, do exterior, tentavam escalar o muro para acudir em auxílio de Arnau e dos seus, mas o grosso do exército dirigia-se para tomar a porta de São Januário, a mais antiga da cidade, pelo que a situação na torre de Santa Sofia se tornava insustentável.

Paulatinamente, Arnau e os homens que o acompanhavam no adarve, muitos deles feridos e ensanguentados, viram-se forçados a recuar perante o crescente número de franceses que os atacavam.

— À torre! — ordenou Arnau. — À torre!

Ele próprio recuou com a espada em riste. As setas dos franceses sibilavam em seu redor, e algumas despedaçavam-se contra a sua armadura, quando, ao tropeçar, por pouco não caiu de costas.

— O quê...?! — exclamou, ao recuperar o equilíbrio. — Sai daqui! — ordenou a Paolo, com quem esbarrara quando este rastejava entre os soldados.

— Os da torre precisam de setas! — objetou o rapaz, deslizando com absurda prudência rente ao chão, quase até terra de ninguém no adarve, entre franceses e aragoneses, para apanhar um par de flechas caídas.

Arnau interrompeu a retirada e protegeu-o.

— Sai daqui! — gritou, ao ver os primeiros soldados angevinos recuperarem da surpresa de descobrir um jovem a rastejar entre os combatentes e, após um instante de hesitação, voltarem a investir.

Paolo obedeceu com destreza, levando um bom feixe de setas para abastecer os besteiros aragoneses.

Atrincheiraram-se na torre e dispararam algumas flechas pelas troineiras para defender as entradas a partir do adarve, enquanto suportavam o bombardeamento de balas de pedra que ia esboroando os muros. Num momento de trégua, Arnau apertou os punhos e cerrou os maxilares,

aterrorizado com o grande número de baixas sofridas. Não foi necessário fazer contagem alguma; o desastre era notório. Avaliou a situação e ponderou capitular ao ver os besteiros exigirem a Paolo, com gestos frenéticos, que os munisse de setas de que o rapaz já não dispunha. Não podia condenar mais homens à morte; eram da sua responsabilidade, e a situação mostrava-se crítica. Com os olhos ainda postos naquele jovem que arriscara a vida em busca de armamento, preparava-se para dar a ordem de rendição quando, nesse instante, Paolo cruzou com ele o olhar, sorrindo-lhe timidamente.

— Seguidores vencem! — gritou então Arnau, e acorreu veloz a uma das portas da torre para auxiliar os seus homens.

— São Jorge!

— Seguidores vencem!

— Por Aragão!

— Por el-rei D. Afonso!

O próprio clamor os impediu de ouvir o mesmo grito de guerra aragônês que já ribombava no interior da cidade de Nápoles. San Gennaro caíra. A população napolitana, exausta da guerra e do cerco, não oferecia qualquer resistência. Os angevinos fugiam, e o rei D. Renato de Anjou entrincheirou-se na cidadela com o que restava do seu exército.

Os aragoneses tomaram Nápoles de assalto e entregaram-se à pilhagem. Seguiram-se pilhagens e violações de mulheres. O saque daquela cidade tão cobiçada durante vinte anos oferecia-se exuberante. Entretanto, Arnau reprimia o choro ao pé da torre, ao ver tantos aragoneses mortos naquela empresa. Alguns daqueles soldados pertenciam à sua hoste, aquela que ele próprio pagava e oferecia ao exército de D. Afonso; conhecia-os, combatera ao lado deles durante anos, homens valentes e leais, recordou com um nó na garganta. Ordenou a alguns soldados que retirassem os cadáveres para lhes darem sepultura cristã e recebeu olhares de rancor.

Arnau fez uma expressão de desgosto.

— Acaso credes que Sua Majestade vai permitir o saque de Nápoles?
— recriminou-os, ciente de que o descontentamento que demonstravam era fruto do atraso que lhes impunha.

Assim foi, e a ordem não tardou a chegar por meio de trombeiros que percorriam a cidade anunciando-a em altos brados: D. Afonso de Aragão proibia o saque de Nápoles e ordenava a restituição de qualquer

bem que houvesse sido roubado aos cidadãos. Arnau, como outros capitães, foi chamado a vigiar o cumprimento do mandato.

— Vamos — ordenou aos seus homens.

— Senhor conde... — tentou detê-lo um dos pajens que haviam acorrido prontamente ao seu encontro atrás do exército aragonês. — Deveria ver-vos o cirurgião — aconselhou-o. — Estais ferido.

Os pajens acabavam de lhe tirar de cima os vinte e sete quilos que pesava a armadura. Efetivamente, estava ferido. A ponta de uma lança angevina penetrara-lhe na axila, no ponto onde a armadura se articulava para permitir a mobilidade do braço, mas, entre a malha que protegia essa zona e o grosso gibão de algodão que envergava por baixo desta, a arma causara-lhe pouco dano. A experiência dizia a Arnau que este era exíguo, por mais escandaloso que fosse o sangue que lhe encharcava o gibão.

— Um arranhão — tranquilizou ele o jovem com um sorriso.

O seu moço de cavalaria, que acompanhara os pajens, trouxe-lhe *Peregrino*, um dos seus cavalos prediletos, napolitano, poderoso, grande, de membros fortes, alazão tão brilhante que, sob o sol daquela terra mediterrânica, chegava a resplandecer em tons avermelhados. Agora, contudo, ataviado com o arnês de guerra, não era a sua pelagem que cintilava, mas a testeira, o colar, a couraça e o peitoral, as flaqueiras e as garupeiras, tudo de aço bem polido, incluindo a sela, que cobriam quase inteiramente o animal. Arnau montou e internou-se numa cidade devastada por anos de guerra e cerco. O alvoroço assolava ruas e edifícios. Os soldados aragoneses continuavam com a pilhagem, apesar das ordens dos seus oficiais, que lhes confiscavam tudo o que lhes encontravam em cima. Os trombeiros aragoneses proclamavam por toda a parte as ordens do monarca, e os cidadãos, encorajados pelo perdão real, queixavam-se do latrocínio e chegavam a opor resistência pela força. Arnau suspirou. D. Afonso era um rei generoso e magnânimo, mas os soldados tinham direito ao espólio; Nápoles não se rendera, o seu povo suportara o cerco, e a conquista da cidade exigira a morte de muitos dos seus homens. Ele próprio acabara de o sofrer na pele. Cruzou-se com alguns soldados que corriam carregados de objetos e que se detinham assustados na sua presença. Todos conheciam Arnau Estanyol, conde de Navarcles, general do exército aragonês.

— Ficai sabendo que el-rei decretou o fim dos saques — anunciava-lhes então Arnau, com um tom monótono. — Restituí esses bens aos seus legítimos donos — intimava-os, sem deter *Peregrino*.

Da primeira vez, pajens e soldados avisaram-no de que os saqueadores lhe desobedeciam e fugiam assim que lhes virava costas. Arnau encolheu os ombros. Nas ocasiões seguintes, todos caminharam em silêncio atrás do seu capitão; Paolo, o último deles, atrasado alguns passos, sem ousar fazer parte da hoste do conde.

A comitiva, percorrendo várias ruelas, foi dar aos arredores do castelo Capuano. Ali o alvoroço era menor; a fortaleza angevina ainda resistia ao cerco dos aragoneses, e mantinha-se o estado de guerra. Arnau requereu a presença do capitão daquelas forças.

— Não — respondeu-lhe o cavaleiro no comando, um italiano a quem o rei premiara com um baronato, ao ouvir a oferta de Arnau —, não necessitamos da vossa ajuda, conde. Todos sabem da vossa valorosa contribuição para a tomada de Nápoles e que estes franceses não tardarão a render-se. Descansai. Desfrutai da vossa vitória — recomendou-lhe, com um sorriso sincero, e inclinou a cabeça num respeitoso cumprimento.

Arnau e os seus prosseguiram pelas imediações do Decumano Maior, uma das três antigas ruas que, desde a época grega, cruzavam a cidade de leste a oeste. Devido ao cerco do castelo Capuano, o bairro desfrutava de certa tranquilidade, e apenas alguns soldados se aventuravam por ali, arriscando-se a serem chamados de volta para a zona de conflito. Circulavam pelos domínios do *seggio* Capuano, um dos seis *seggi*, bairros ou distritos em que Nápoles estava dividida. Com os brados e cânticos de vitória a ressoarem em seu redor, Arnau percorria a cidade cuja conquista lhes custara tanto esforço e tantas privações. Não contemplava nada em particular, apenas percebia o seu odor, escutava-a, absorvia o ar quente e viciado que soprava pelas ruelas acariciando-lhe o rosto, disposto a senti-la, a conhecê-la como se estivesse na presença de uma bela mulher que houvesse seduzido pela primeira vez. Os anos de guerra pesaram-lhe então sobre os membros. O conflito não terminara; ainda havia muitos nobres e inimigos que era necessário vencer... ou convencer, mas Nápoles facilitava a obtenção da vitória definitiva na contenda pelo reino mais vasto de Itália. Entre os domínios de D. Afonso já figurava

a Sicília, e, com a conquista de Nápoles, seria reconhecido como um dos príncipes mais poderosos de Itália. Espanha ficava distante, e os problemas com Castela ou os que decorriam dos seus domínios peninsulares — ou seja, Aragão, Valência e, sobretudo, a Catalunha — diluíam-se ao cruzar o Mediterrâneo. Os Balcãs haviam-se tornado o novo objetivo de D. Afonso: desejava dominar o mar Jónico de ambos os lados da sua costa.

Estando ele absorto nesses pensamentos, *Peregrino* empinou-se.

— O quê...?! — gritou Arnau, surpreendido, desequilibrado sobre a sela, a ponto de cair ao chão.

Conseguiu recuperar o equilíbrio e o domínio do cavalo e deparou-se com um par de soldados aragoneses, paralisados à sua frente. Havia saído a correr de um edifício justamente no momento em que Arnau passava.

— El-rei ordenou que o saque cessasse — advertiu-os ao notar que carregavam sacos volumosos. — Também mandou que se devolva o que... — Evitou dizer «roubado». Não roubavam. Era a lei da guerra. — Que se devolva o que foi tomado.

Um dos soldados, um homem mais velho, forte e barbado, encolheu os ombros.

— Não há ninguém a quem devolver, senhoria. Ninguém habita este palácio. Foi abandonado. Se fizermos o que nos pedis, outros virão... — acrescentou com um gesto contrariado.

Pela primeira vez, Arnau reparou no edifício. Era um palácio napolitano semelhante aos de Gaeta ou de outros lugares sob domínio dos Anjou: um muro contínuo de blocos de pedra que se estendia ao longo do beco, com umas simples janelas retangulares alinhadas em três andares, todas com molduras nervuradas e uma delicada cornija no topo. O portal de entrada era amplo, embora relativamente simples: um arco abatido, semicircular, todo enquadrado por uma única moldura retangular, diferente dos catalães, ogivais e ornamentados. As ombreiras eram semelhantes às das janelas, mas muito mais grossas.

Arnau observou o pátio interno que se abria além do grande portão: nenhuma atividade.

— Onde estamos? — perguntou, sem se dirigir a ninguém em particular.

Nenhum dos seus homens soube responder-lhe.

— No vico Domenni — ouviu atrás de si, onde Paolo permanecia parado. Arnau virou-se, fitou o rapaz e encorajou-o a continuar com um leve movimento do queixo. — Este é o palácio de Francesco Domenni...

— Domenni — murmurou o conde catalão, com o olhar preso à fileira de flores-de-lis esculpidas na parte superior da mísula. Acima dela, destacava-se um grande brasão de pedra, no qual um rastilho ocupava um dos quartéis. Conhecia perfeitamente aquele emblema, perseguia-o há anos. Era um dos que compunham o escudo de armas dos Anjou. — Entremos — ordenou, pensando naquele Domenni, com cujos homens já se defrontara tantas vezes.

Franquearam o portal. Os cascos de *Peregrino* ressoaram tranquilos no chão lajeado do pátio do edifício, um espaço amplo e irregular devido às construções que, com o tempo, haviam sido anexadas aos poucos, de forma algo caótica, ao que, sem dúvida, era o edifício principal. Ali, uma escadaria de pedra conduzia ao segundo andar, o piso nobre. Como era habitual nos palácios napolitanos, a escadaria integrava-se na própria estrutura, de modo que não ficava descoberta, ao contrário do que era prática nos palácios barceloneses. Era o que acontecia no de Arnau, na rua Marquet, onde se iniciava no pátio, por meio de uma *loggia*, uma galeria exterior coberta com arcadas sobre colunas, aberta de dois dos seus lados e que dava acesso à escadaria que subia pelo interior do edifício. Os muros e as janelas que davam para o pátio eram tão simples como os exteriores.

Com os homens ainda parados atrás de si, Arnau observou com mais atenção: era grande e espaçoso. Lamentou a falta de ornamentação e colunas que tanto embelezavam as construções da sua terra natal, mas considerou aquele palácio suficiente para si e para a família, criadagem e homens que tinha a seu serviço. O rei D. Afonso perdoaria os nobres napolitanos, sabia-o, já haviam falado a esse respeito: os aragoneses precisavam do apoio da nobreza feudal que dominava a maior parte das terras e dos lugares do reino de Nápoles, mas aquele Domenni estava ligado a D. Renato, francês, e manter-se-ia ao seu lado, em nenhum caso poderia permanecer na cidade.

Desmontou de um salto. Uma dor aguda recordou-o então da ferida que tinha na axila, mas evitou mostrar dor ou fraqueza.

— Ficaremos — anunciou. — O *Peregrino* precisa de descansar. Tirei-lhe os arreios. Claudio — dirigiu-se a um dos seus lacaios depois de

entregar o animal —, vai a Gaeta e traz a minha família e os meus pertences. Quero uma guarda permanente à porta — ordenou quando já se encaminhava para inspecionar as dependências do palácio. — Ah! — Estacou de repente. — Procurai um mestre pedreiro e que hoje mesmo destrua o brasão dos Domenni e todas as flores francesas... além de qualquer coisa em pedra que enalteça os inimigos de Aragão — acrescentou. — Preparai também umas caçadas. Avisai os monteiros para que tenham tudo aprestado.

Enquanto subia a escadaria de pedra, pensou na caça. O rei estaria ansioso por exercitar-se nela; não deixara de praticar essa atividade nem nos momentos mais críticos dos episódios bélicos e, agora, após a vitória, não tardaria a requerer a sua presença. Talvez já estivesse a perguntar por ele, e sorriu ao imaginar tal circunstância. D. Afonso era um apaixonado pela caça, tal como o próprio Arnau, que, além de general do exército, desempenhava o cargo de monteiro-mor. O conde de Navarcles estava satisfeito com aquele ofício, que lhe permitia afastar-se das obrigações cortesãs, desde assistir o rei nas suas necessidades diárias, nas missas e na tediosa administração, até às tertúlias musicais, leituras ou discussões filosóficas que D. Afonso tanto promovia. Enquanto os demais dançavam, cantavam, recitavam poemas de amor ou se entregavam ao prazer sem deixar de conspirar e engendrar todo o género de artimanhas para ascender na corte, ele deleitava-se a perseguir javalis e corços pelo monte, galopando freneticamente sobre *Peregrino* atrás dos cães que descobriam e encurralavam a presa.

Percorreu as dependências do palácio. Sem dúvida, Francesco Domenni não haveria tido tempo para pôr os seus pertences a salvo. A desordem evidenciava que, além de alguns soldados aragoneses à procura de espólio, como aqueles com quem se cruzara, o próprio Domenni devia ter-se retirado apressadamente levando apenas as suas joias e os seus objetos de maior valor. O restante — mobília, tapeçarias, trajes e livros, baixelas e cristais, até vinho — ainda permanecia na casa, cuja parte traseira se abria para um jardim bem cuidado. Tratava-se de um *hortus conclusus*, íntimo como os dos conventos, todo ele fechado por altos muros, com fontes, caminhos empedrados e pérgulas, um oásis de verdura resplandecente, oxigenado, naquela cidade de ruas intrincadas e construções caóticas. Arnau permaneceu um bom tempo a deleitar-se com o panorama a partir de uma das varandas, substituindo o odor

acre da guerra pela fragrância das árvores de fruto e das plantas aromáticas que os napolitanos incluíam nos seus jardins. Por momentos, esqueceu-se do sangue. *Sim, pensou, a Sofia e as crianças ficarão bem neste palácio.*

Nápoles, 26 de fevereiro de 1443

Arnau sentia-se desconfortável, trajado com aquelas vestes luxuosas, mas Sofia insistira com ele a esse respeito. — Na entrada triunfal d’el-rei em Nápoles, deves destacar-te como o principal dos seus barões, pois é isso que és. Reclama o teu lugar! — recomendara-lhe, convencida de que o afastamento voluntário da corte por parte de Arnau o prejudicava. — A imagem que um nobre transmite aos demais é importante. El-rei sabe-o bem.

Era verdade. D. Afonso sabia conquistar a admiração, o respeito e até o temor dos seus súbditos por meio de festividades e celebrações em que se apresentava como um deus. Aquele dia não seria diferente. Vários meses após a conquista, o rei ia fazer a sua entrada triunfal em Nápoles, e a multidão acumulada nas ruas dificultava o avanço de *Peregrino*. Arnau cavalgava incomodado sobre a montada devido à longa *hopalanda*¹ de veludo ocre que envergava, da qual pendiam pequenas correntes e até um ou outro guizo. Aberta, a ampla peça caía-lhe solta nas ilhargas e enredava-se nos estribos, obrigando-o a dar constantes pontapés no ar para libertar os pés. Sob aquela luxuosa túnica, envergava as calças e o gibão, ambos negros, bordados com fios de ouro e adornados com uma fileira de pérolas. Sofia tentara encher-lhe o gibão com algodão nos ombros para impressionar, mas o conde recusara categoricamente.

— Não preciso de ostentar.

¹ A *hopalanda* era uma vestimenta externa longa, conhecida pelas suas mangas amplas e o seu colarinho em forma de funil, que refletia a distinção social e o gosto pelo luxo característico dos séculos XIV e XV. (N. do T.)

— Todos o fazem — queixou-se ela.

— Como sabes disso, mulher? — replicou Arnau. — Acaso estás presente quando se despem?

— Não te enganes — defendeu-se Sofia. — Os homens ficam cegos de orgulho e soberba, mas nós, mulheres, sabemos bem o que trazeis debaixo da roupa sem necessidade de vos vermos sem ela. — Nesse momento, lançou um olhar descarado ao entrepernas de Arnau e sentenciou: — Aí não precisas de enchimento.

— Nem aí, nem em lado algum!

Sofia sorriu com malícia e aproximou-se dele, sedutora, os seios firmes, transmitindo os batimentos acelerados do seu coração. Era bela. Exuberante. Sensual.

Arnau afastou-a, não sem alguma aflição.

— Não chegarei a tempo... E ainda tenho coisas a fazer — justificou-se.

Claudio e outro criado que o acompanhava, aos gritos e empurrões, afastavam a multidão, para Arnau poder passar. Ia atrasado, mas não conseguira adiar aquele compromisso. O rei, sem dúvida, haveria de lhe perguntar. D. Afonso podia estar envolvido na maior das campanhas bélicas e, ainda assim, preocupar-se-ia com a sorte do seu querido cão de caça. O animal desaparecera numa das últimas caçadas em Astroni, uma imensa cratera perto de Nápoles que o próprio soberano mandara repovoar com javalis, veados e corços. O alão não regressara ao abrigo e o rei, extremamente inquieto, ordenara a celebração de missas a Santo António, oferecendo um ducado e cereais, para que o padroeiro dos animais operasse o milagre de fazer o cão aparecer são e salvo.

Arnau tivera de assistir àquela missa, como às anteriores, e de rezar ao lado de vários sacerdotes pelo bem do alão. Isso atrasara-o, mas o rei levava já três dias recolhido num mosteiro nos arredores da cidade, num rito que exigia a purificação do sangue dos inimigos vencidos antes da celebração do triunfo, período durante o qual não tivera qualquer contacto com Arnau, pelo que este estava certo de que lhe perguntaria pelo animal e, sobretudo, pela eficácia das missas e orações. O monteiro-mor acreditava que o cão haveria sucumbido ao ataque de uma vara de javalis. Também presumia que o soberano partilhava da mesma opinião, mas Arnau não lho diria, e o rei não o admitiria, pelo menos enquanto se invocasse a ajuda divina.

Avançava com dificuldade por entre aquela multidão já rendida ao monarca aragonês, que o aguardava exultante e jubilosa nas ruas. D. Renato de Anjou acabara por se render, para pouco depois embarcar em navios genoveses e abandonar Nápoles com os seus incondicionais, entre os quais Francesco Domenni, cujo palácio Arnau continuava a ocupar com a família e a comitiva, agora já como legítimo proprietário, graças à gratidão e à generosidade do rei. Durante aqueles meses, o exército aragonês, com Arnau e o próprio soberano no comando, prosseguira as operações militares fora da cidade, primeiro nos Abruzos e depois na Apúlia, onde derrotou as hostes de Francesco Sforza, uma vitória que trouxe a paz a todo o reino.

D. Afonso esperava acampado na zona oriental da cidade, junto à marina, em frente à porta do Mercato, local onde fora derrubada grande parte da muralha para o soberano e a sua comitiva por ali acederem, num reconhecimento público e evidente da inutilidade de uma defesa daquela natureza perante o poder que emanava do monarca, chamado, a partir daquele momento, a defender pessoalmente Nápoles e os napolitanos. Arnau chegou precisamente no início da cerimónia: o rei, sentado num trono com passamanaria de seda bordada a ouro, achava-se rodeado pela corte, pelos nobres e capitães do exército, bem como pelos pró-homens, que permaneciam de pé, formando um grande círculo à sua volta. As sedas, as armas brunidas e as vestes resplandeciam sob aquele sol de inverno, que aquecia um ambiente demasiado frio e ventoso. O conde sabia que, naquela ocasião solene, D. Afonso se preparava para recompensar com títulos e terras os homens que o haviam acompanhado e permanecido fiéis durante a longa contenda. O próprio Arnau iria receber o marquesado de Sant'Agata, terras férteis nos arredores da cidade. Desmontou apressadamente, entregou o cavalo a um moço que rondava por ali e viu-se obrigado a guardar silêncio, pois o discurso do chanceler já começara. Custava-lhe não estar ali, de pé, erguido e orgulhoso ao lado de D. Afonso, como seu familiar e um dos seus favoritos, sempre privilegiado por ele, em vez de permanecer misturado entre os outros barões e os seus acompanhantes, mas a solenidade do ato aconselhava-o a ficar quieto e a não quebrar o feitiço. Naquele momento, como primeira providência, o chanceler premiava Orsolina e Paolo. O rapaz ainda ia descalço, embora limpo e vestido com uma camisa branca que lhe tapava as calças, pois dava-lhe pelos joelhos, trajes nos quais a mão de Sofia fora

determinante, visto que o jovem se tornara presença assídua no palácio Domenni, agora rebatizado como Estanyol.

Sorria a mãe. Sorria o filho, que, no meio daquele círculo opressivo de riqueza e honrarias dos que o compunham, ajoelhado diante do rei, espreitava de soslaio a opulência em seu redor. Orsolina, conforme anunciou o senescal, recuperava o forno de pão que os angevinos lhe haviam confiscado; mãe e filho recebiam a cidadania napolitana, com as liberdades e isenções que isso acarretava, e era-lhes concedida licença para exportação isenta de impostos e gabelas, com franquia em todo o reino, incluindo os domínios senhoriais, de cinco *carri* de trigo, quase mil e quinhentos quilos.

— Prestastes bom e fiel serviço ao vosso rei — interveio D. Afonso, assim que o seu porta-voz terminou.

Paolo deu mostras de que pretendia levantar-se após o reconhecimento do monarca, mas antes que o conseguisse Orsolina puxou-o pela camisa e obrigou-o a ajoelhar-se de novo. Ouviram-se algumas risadas simpáticas entre os presentes enquanto a mãe arrastava o garoto até ele conseguir beijar os sapatos de seda do rei, após o que atravessaram apressadamente as fileiras de nobres.

Depois da padeira e do filho, iniciou-se a distribuição de títulos e das terras confiscadas a alguns dos seguidores angevinos, pois à maioria deles o rei, num gesto magnânimo, concedera amnistia e confirmara grande parte dos seus títulos, terras e posses. No fim, apenas as concessões feitas durante o reinado de D. Renato de Anjou foram completamente anuladas. Um a um, os nobres eram chamados à presença de D. Afonso. Bernardo Gasparo recebeu o título de marquês de Pescara; Nicola Cantelmo, o de duque de Sora; Francesco Pandone, o de conde de Venafro...

Os agraciados saíam para o centro do círculo, ajoelhavam-se diante do rei, recebiam as suas honrarias e juravam-lhe fidelidade e vassalagem *ore et manibus*,² reconhecendo que possuíam aquelas terras em nome do seu senhor. Era este género de cerimónias que Arnau detestava. Ao lado do soberano, como era seu hábito quando não tinha outro remédio senão

² *Ore et manibus* («com a boca e com as mãos») era a fórmula tradicional do juramento de homenagem vassálica na Idade Média. O vassalo prestava fidelidade ao seu senhor feudal por meio de palavras (*ore*) e de um gesto simbólico (*manibus*), colocando as mãos unidas entre as do senhor, num sinal de submissão e compromisso de lealdade. (*N. do T.*)

comparecer, só conseguia imaginar os comentários cínicos e as críticas mordazes de muitos dos cortesãos, como as que agora, misturado entre eles, ouvia: «Se o rei soubesse as barbaridades que esse diz dele...», «Este não merece nem o título de porqueiro-mor do reino», «Um dia, D. Afonso há de arrepender-se de lhe haver concedido tanto poder; rebelar-se-á contra ele...». Mais de uma vez, Arnau olhou em volta tentando identificar os atrevidos, mas sem sucesso. Sentiu cotoveladas de alerta entre os que o rodeavam e percebeu que sibilavam entre si em surdina chamando a atenção para a sua presença e impondo-se silêncio. Mergulhado naquela turba de invejas e interesses, a *hopalanda* de veludo pesava-lhe mais do que a armadura de guerra milanesa, e o desassossego tomou conta dele. A entrega de títulos prosseguia, e a qualquer momento ouviria o seu nome. Um repentino formigueiro acresceu à inquietação. Chamavam os catalães.

— Afonso de Cardona!

Ao de Cardona foi concedido o condado de Reggio.

— Gaspar Destorrent!

«Gaspar Destorrent!», surpreendeu-se Arnau. O desassossego transformou-se de imediato em ira, uma mudança tão repentina quanto a de muitos à sua volta, que se afastaram o pouco que podiam, como se quisessem dar-lhe espaço para rebentar. As desavenças entre Arnau e Gaspar eram bem conhecidas.

— Cobarde — sussurrou alguém nas suas costas.

— Pérfido! — disse outro.

É-o, sem dúvida!, pensou Arnau. *Uma pessoa sem honra.* Viu-o avançar até ao centro do círculo, todo ele esguio: cabeça, torso e pernas. E tremeu. O seu meio-irmão. Arnau não devia ter mais do que alguns anos de vida quando a madrasta, Marta Destorrent, tentou matá-lo para beneficiar aquele miserável na herança do pai, o almirante Bernat Estanyol, o qual, ironicamente, perdera a própria vida às mãos do avô de Gaspar, Galcerán Destorrent, e dos seus sequazes. Os Destorrent não conseguiram concretizar os seus perversos intentos, e a vida de Gaspar, em vez de ficar ligada à honra e à nobreza, passou a estar associada ao comércio, ao dinheiro, ao vício e à maldade. Chegou até a renegar o apelido Estanyol, movido pelo rancor que nutria contra a família do pai.

Gaspar fora a Nápoles para defender ali os interesses comerciais do seu tio Narcís, herdeiro dos negócios e da fortuna dos Destorrent.

Para obter a graça real, participou no financiamento da campanha bélica e forneceu tropas ao exército de D. Afonso, tropas que se permitiu comandar, apesar de não ter qualquer experiência ou instinto militar. O rei nomeou-o cavaleiro, juntamente com muitos outros, num procedimento pouco comum, mas admitido pelas leis da cavalaria, pelo qual, num só ato, se concedia aquele título de forma geral. Muitos bons soldados morreram em combate devido à soberba e inaptidão daquele homem que brincava à guerra. Consciente, porém, da sua contribuição para os interesses de D. Afonso, Arnau evitava o seu meio-irmão, embora soubesse dos esforços deste para manchar a sua reputação e até prejudicar o seu património.

Agora, a paz permitia que aquele que desertava sub-repticiamente do campo de batalha avançasse para o rei com arrogância. Todos os músculos de Arnau estavam tensos, tinha uma veia do pescoço inchada e o rosto avermelhado.

— Traidor — ouviu murmurar novamente nas suas costas. Sim, sem dúvida, Gaspar era um traidor e...

— Cobarde! Renegado! Traste!

De repente, Arnau encontrou-se sozinho, exposto a todos. Aquela gente afastara-se ainda mais dele. Compreendeu que, ofuscado pela raiva, gritara aqueles insultos. D. Afonso permanecia sentado, com Gaspar de pé diante de si. Barões, pró-homens e mulheres estavam paralisados, quietos, em alerta. Ouviu-se algum rumor, uma tosse, o correr de uma criança, mas até a brisa marítima que chegava da baía parecia ter-se detido. Silêncio. Arnau respirou fundo, endireitou-se e ajeitou a túnica sobre os ombros. Nesse instante, deixou de a sentir pesada.

— Sim, cobarde! — gritou então, apontando para Gaspar. — Nem Aragão nem Nápoles merecem um nobre que deixa os seus homens morrer. Este... — Arnau agitou a mão em direção a um Gaspar hierático, capaz de suportar qualquer afronta antes que lutar e arriscar a distinção prometida. — Este... vilão foge da batalha. Todos o saibem! — proclamou, enquanto percorria com o olhar os presentes.

Se alguém apoiou as suas palavras, tê-lo-á feito de trás, talvez em sussurros, porque em público, à vista do rei, não houve mostra de apoio. D. Afonso, por sua vez, não parecia disposto a interromper o conde de Navarclès. Talvez até gostasse do confronto. O que Arnau interpretou como uma certa cumplicidade atijou-o.

— Este filho da puta não está interessado na glória de Nápoles, de Aragão e do nosso rei; a única coisa que lhe interessa é o dinheiro, os seus negócios. Seria capaz de vender a sua honra... a nossa também! El-rei não pode...

Até aí lhe permitiu D. Afonso:

— O rei pode fazer tudo o que desejar... e o que Deus lhe conceder! — gritou. — De joelhos — ordenou-lhe.

— Não... — tentou contestar Arnau.

— De joelhos! — O monarca ergueu-se bruscamente, interrompendo a réplica do conde de Navarcles.

A tensão fez-se sentir durante os breves segundos em que Arnau se manteve erguido, quase desafiante, perante o seu rei. Depois, obedeceu e pousou o joelho no chão. O ridículo tilintar dos pendentos da sua *hopalanda* ao ajoelhar-se ressoou entre os presentes como motivo de escárnio.

Com o maxilar cerrado, sabendo-se observado e criticado, Arnau assistiu a D. Afonso a conceder a Gaspar o título de conde de Accumoli, uma localidade nos Abruzos, região onde ele próprio batalhara meses antes. Destorrent não estivera lá, mas, ainda assim, ergueu-se como novo conde daquele lugar e, já de costas para o trono dourado, lançou um sorriso zombeteiro a Arnau, a quem tentou ultrajar ao passar rente a ele, atingindo-lhe subtilmente o rosto com a franja da túnica de seda que envergava. Arnau ergueu-se de um salto, a mão já a desembainhar a espada. Vários soldados rodearam o soberano, que também se pusera de pé, protegendo-o com as suas lanças; outros correram em direção a Arnau. Gritos e ordens sucederam-se.

— Não na presença d'el-rei!

Alguns nobres também desembainharam as espadas. Os presentes afastavam-se, e Arnau, cego como se estivesse num combate de vida ou morte, pressionou com a espada o pescoço do meio-irmão. O gesto deste ao abrir os braços em sinal de rendição, mostrando que não vinha armado, desconcertou Arnau, que afastou a arma.

— Não vale a pena, conde — aconselhou-lhe alguém.

— Deixai-o!

— Se continuardes, o rei nunca vos perdoará a afronta.

— É a celebração da sua vitória. Não a mancheis ainda mais.

Arnau embainhou a espada.

— Néscio — ouviu então da boca de Gaspar, num tom que apenas ele conseguiu perceber.

Aquele homem ardiloso vencera-o num campo onde não estava habituado a combater. Dirigiu-se a D. Afonso. De facto, era um néscio, recriminava-se a cada passo. Durante o que lhe pareceu um percurso interminável, cruzou o olhar com o de Sofia e dos seus filhos, Marina, Filippo e Lorenzo. Ela observava o seu avanço com os olhos semicerrados, o sobrolho franzido; as crianças... Filippo chorava? Fez um gesto ao filho para que se contivesse, mas as lágrimas que lhe viu correr pelas faces arderam-lhe no peito. E com esse ardor, ferido, ajoelhou-se perante D. Afonso e baixou a cabeça em sinal de humilhação. Cortesãos e pró-homens retomaram os seus lugares; a guarda real relaxou a vigilância. O rei, ainda de pé, sério, impassível, com aquele olhar acutilante que Arnau tão bem conhecia do campo de batalha, não se dignou a dirigir-lhe a palavra e delegou no senescal a responsabilidade de indicar ao conde de Navarcles que abandonasse o lugar. E ainda ele não o fizera e já chamavam o cavaleiro seguinte. A cerimónia devia prosseguir, pois o povo, para lá das muralhas, reclamava cada vez com maior fervor e urgência a presença do soberano.

— Acaso não sabes que Gaspar financia as campanhas d'el-rei?

Era Sofia quem o censurava. As crianças, esquecida já a humilhação do pai na voragem de sensações que se sucediam, corriam entre a multidão que assistia à magnífica entrada triunfal na cidade de D. Afonso de Aragão, rei de Nápoles, montado num carro banhado a ouro, puxado por cinco cavalos brancos imaculados, ajaezados com panos de seda e ouro. À sua frente, trombetas, pífaros, tambores e até castanholas, que foram ressoando e acompanhando os cânticos e danças ao longo de toda a jornada. À direita e à esquerda do carro, vinte cavaleiros escolhidos, entre os quais deveria ter sido incluído Arnau, que, porém, caminhando agora no cortejo, juntamente com os outros nobres, pró-homens e familiares, escutava as palavras de Sofia.

Arnau conhecia bem a posição privilegiada de Gaspar por via das finanças reais.

— O rei tem de pagar os soldos — insistiu a mulher, que, como em tudo o que dizia respeito à corte, sabia mais do que ele. — Na primavera, deverá chegar um carregamento de tecidos de Barcelona, e isso está nas mãos de Gaspar e da sua família na Cidade Condal.

D. Afonso pagava aos seus homens com tecidos. Combinava o soldo em numerário principalmente com panos, embora também pudesse ser pago em sal, cereal ou vinho, caso em que, porém, parecia que optaria pelos tecidos fornecidos pelos Destorrent, com toda a certeza a um preço reduzido, talvez até com um pagamento diferido em condições vantajosas, graças à distinção concedida a Gaspar.

Aquele monarca que, erguido no seu trono, entrava orgulhoso em Nápoles de cabeça descoberta, sem a coroa que recusara e que deveria ser-lhe imposta por um papa que era seu inimigo, procurando assim demonstrar aos demais príncipes italianos que não se submetia a nenhuma autoridade, nem sequer à do vigário de Cristo, dependia, na realidade, de prestamistas e mercadores como os Destorrent e, sobretudo, dos nobres a quem perdoara e mantivera nas suas terras. Das mil e quinhentas cidades que compunham o reino de Nápoles, D. Afonso possuía menos de cento e cinquenta; o restante repartia-se entre uma centena de grandes proprietários, com o príncipe de Taranto à cabeça, senhor de até trezentos lugares, praticamente todo o tacão de Itália.

D. Afonso avançava sob o pálido, segurado por pró-homens escolhidos. Trazia nas mãos o cetro e a esfera que representava o orbe. Aos seus pés, como símbolo de vitória, o palio utilizado por D. Renato na sua entrada na cidade. Adiante seguia a representação do emblema escolhido pelo monarca: uma cadeira cruzada por línguas de fogo, o chamado *siti perillós*, o da Távola Redonda do rei Artur, que, segundo o mago Merlim, só era digno do cavaleiro com o coração mais puro. Tratava-se de um assento reservado a um guerreiro casto, corajoso e piedoso, o eleito por Deus para encontrar o Santo Graal. Assim se via D. Afonso I de Nápoles, o único homem digno de se sentar entre as chamas da cadeira vazia da mesa de Artur.

Os vivas e aplausos da multidão, ao longo das ruas ainda arruinadas pela guerra e pelo cerco, embora cobertas de pétalas e adornadas por arcos de triunfo efémeros, com as flores a caírem em cascata de varandas e janelas, abafaram o discurso de Sofia. Ainda assim, ela tentou fazer-se ouvir acima do clamor do povo e ergueu a voz:

— Não deverias ter...

— Cala-te, Sofia — ordenou-lhe Arnau.

Não, não deveria ter cometido aquele erro crasso, mas não o quis admitir. Nunca deveria ter enfrentado o monarca. Gaspar, os tecidos,

o dinheiro ou os títulos, nada disso importava. D. Afonso era o seu rei. Arnau era capaz de morrer por ele. Se não discutia quando lhe ordenavam arriscar a vida para tomar uma posição ou libertar um território, porque havia de questionar as suas decisões em matéria de corte?

Sofia não escondia o seu desagrado enquanto, na praça do Mercato, quatrocentos jovens vestidos com as cores de Aragão lançavam pétalas ao mesmo tempo que dançavam em redor de duas fontes de onde jorrava água cristalina, vinho branco e vinho tinto.

— Não obtiveste o marquesado! — exclamou.

Tinha de lho atirar à cara. Mesmo com o fragor da música, dos cânticos, das danças e dos aplausos, três ou quatro dos homens que os rodeavam ouviram a queixa de Sofia. Todos, sem exceção, desviaram o olhar, fingindo não se haverem apercebido, para não se confrontarem com o conde de Navarcles, mas este deparou-se com o dela, frio, acutilante.

— Basta, mulher! — exclamou com aspereza, mas conteve-se e não foi além disso, pois, em momentos como aquele, a lembrança de Giovanni amordaçava as suas reações; o siciliano regressava redivivo nos seus braços, agonizante, e Arnau renovava o seu juramento de silêncio.

Sofia, sete anos mais velha do que ele — vinte e seis contra trinta e três —, por vezes apoiava-se nessa diferença de idade para lhe demonstrar a sua maior experiência nos assuntos mundanos, e Arnau vira-se obrigado a reconhecer, nalgumas ocasiões, que lhe falava com sensatez. Sofia fora a esposa do companheiro de armas mais fiel e leal que Arnau tivera durante a longa guerra: Giovanni di Forti, um siciliano a quem o rei concedera o título napolitano de barão de Castelpetroso. Haviam pelejado lado a lado e partilhado vitórias e derrotas, salvando-se mutuamente a vida até se tornarem muito mais do que amigos ou camaradas: irmãos. Giovanni morreu nos braços de Arnau, com o pescoço trespassado por uma seta. Na sua agonia, com o sangue a aflorar-lhe aos lábios, fizera-o jurar que cuidaria de Sofia e de Marina, a sua esposa e a sua filha, que zelaria por elas e as protegeria. Arnau jurou. O rei, de pé junto a eles, sem conseguir esconder a emoção diante da morte de um guerreiro tão valente, foi testemunha do compromisso.

E agora, esse mesmo rei acabava de revogar a sua promessa sobre o título nobiliárquico e as terras que lhe deveria ter concedido. Após o conflito com Gaspar e a sua expulsão da cerimónia, Arnau esperara que

o senescal o chamasse, mantendo-se uns passos atrás da multidão que rodeava o monarca. Sofia permanecia ao seu lado, séria, zangada; os filhos, sob a vigilância de uma criada, lançavam olhares furtivos aos pais. Arnau intuía que não o chamariam, mas desejava-o. E merecia-o. Representava uma honra naquela terra conquistada após anos cruéis de guerra; um título de nobreza italiana a somar aos catalães que já possuía. Um meio de se aproximar dos napolitanos por meio da aristocracia, e também rendas e receitas consideráveis que não eram de desprezar. Servir o rei na guerra, apresentar-se com homens, cavalos e armamento acarretava despesas avultadas. Ao que crescia o palácio, a criadagem, os cavalos, a prata, as sedas, os brocados... Arnau era rico, mas os seus gastos estavam à altura da sua posição e tornavam-se um poço sem fundo. Sabia que Sofia desejava aquele marquesado tanto ou mais do que ele; no entanto, isso não lhe dava o direito de lho recordar em público nem de o desafiar com o olhar.

— Sabes uma coisa...? — disse ele, suavizando o tom, apesar de tudo. — El-rei não se interessou pelo seu cão.

Sofia pensou um instante, compreendeu a desilusão do seu homem e, como ele, mudou de atitude.

Naquele momento, mais atrás, no mercado, a comunidade florentina exibia jogos equestres e uma procissão de carros alegóricos: as virtudes, a fortuna, a justiça e o César. Arnau e Sofia viram os filhos a correr com muitas outras crianças entre as carroças, divertindo-se e rindo. Marina, uma jovem de treze anos, observava os irmãos mais novos com um sorriso nos lábios; Filippo, o mais velho dos dois, contava apenas cinco anos, o que conferia à rapariga uma autoridade sobre eles que era superior até à da criada que os vigiava. Após a morte de Giovanni na batalha, Sofia e Arnau levaram alguns anos a libertar-se do sentimento de culpa que os atormentava sempre que um ou outro permitia que a luxúria brilhasse no seu olhar.

Ao lado de Marina, como já começava a ser habitual, estava Paolo. Surgia sempre de forma inesperada e surpreendente no palácio, no pátio, nos estábulos ou nas cozinhas, embora evitasse os aposentos nobres, e era bem recebido até por um Arnau pouco dado a visitas, mas que consentia a sua presença ao recordar que os guiara pelo aqueduto, bem como a valentia com que arriscara a própria vida rastejando entre as pernas dos aragoneses para recolher setas com que pudesse abastecer os besteiros,

expondo-se ao risco de ser atingido por uma flecha inimiga, uma pedra arremessada ou uma lança angevina.

Desde a sua entrada em Nápoles, já há oito meses, que Paolo lhes trazia gratuitamente, todos os domingos, um pastelão em sinal de respeito. Era evidente que Orsolina tinha poucos recursos, pois o pão não continha carne nem peixe, apenas hortaliças, o principal alimento da maior parte da população napolitana. O estômago de Arnau revolveu-se, tal como acontecera antes — e de forma ainda mais intensa, sem dúvida —, quando Marina lhe ofereceu o último pedaço de pastelão repleto de brócolos. Os nobres não comiam verduras, mas a jovem esperava com entusiasmo que o pai provasse a iguaria trazida pelo amigo. A seguir, desceria ao pátio, contendo a pressa, para confirmar ao padeiro o quanto todos haviam apreciado o presente; sobretudo Arnau.

— Preocupa-me estar a permitir uma amizade inapropriada — comentou este, com os brócolos ainda colados ao palato, no momento em que Marina já descia as escadas.

— Não exageres! — contestou Sofia. — São tão novos.

— Talvez devêssemos proibir estas visitas.

— Foste tu quem o trouxe para esta casa, Arnau. — Ele ia protestar, mas Sofia interrompeu-o para lhe apaziguar os receios: — Eu ando atenta, Arnau. Além disso, Marina sabe o que faz, tem boa educação.

Naquele dia, no triunfo de D. Afonso, Arnau deteve o olhar no jovem Paolo; era evidente que estava encantado por Marina. «Não», tentou convencer-se, «não deveria haver qualquer problema; o rapaz parece saber qual é o seu lugar». Ainda assim, um leve calafrio percorreu-lhe a espinha: Marina era a sua preferida. *Paradoxal*, pensou. Tinha dois filhos em comum com Sofia, mas amava mais Marina, a quem adorava, talvez, simplesmente, por isso, por ser menina, porque os rapazes, em contrapartida, deviam ser criados com dureza e exigência; com eles não havia lugar para o carinho. Mas talvez também por Filippo e Lorenzo terem crescido na felicidade, protegidos pela casa de Gaeta e agora pelo palácio de Nápoles. Havia sido sempre crianças alegres, espertas e travessas, e, mesmo tão pequenos, já respeitavam Arnau, atitude que o enchia de orgulho. Marina, por outro lado, ficou desfeita com a morte do pai, sem encontrar consolo numa mãe cuja alma fora impiedosamente afetada pela perda de Giovanni. Ao regressar das suas campanhas, Arnau encontrava uma família derrotada, imersa na dor e na tristeza, e por isso

recordava como uma das suas maiores vitórias o primeiro esboço de sorriso nos lábios de Marina. A seguir vieram outros, o invulnerável ânimo infantil a pugnar para acompanhar os passos daquela menina que, com a sua alegria, acabou por curar também a mãe. Arnau sentia-se parte essencial daquele árduo processo de redenção. Esquecia lanças e espadas ao transpor a porta de casa; lavava o sangue próprio e o dos inimigos para se apresentar impecável diante de Marina e mudava o tom de voz que usava com os soldados para acomodá-lo aos ouvidos delicados da rapariga. Cuidava dela com esmero, concedendo-lhe espaço, sem jamais tentar substituir o companheiro de armas caído em combate. Levava-a a dar longos passeios a cavalo ou de barco, perseguindo o horizonte para que o mar afogasse as lembranças que a atormentavam. Rezou, buscando a intercessão de Giovanni para que Deus o ajudasse, e conseguiu-o. Marina era a sua menina, a sua vida, e não permitiria que ninguém lhe fizesse mal. Assim, pouco a pouco, à medida que Marina retomava o sorriso, Sofia também recuperou a vontade de viver. Para ambos, foi difícil escapar da presença de um amigo e esposo a quem invocavam nos momentos de necessidade e que choravam nos de saudade, mas a vida começou a seguir o seu curso, e a dor e o sofrimento viram-se obrigados a encarar o sol que aquecia os corpos e acalmava os espíritos, a alegria das crianças que corriam e saltavam pelas ruas, a mulher que cantava na casa vizinha, os pescadores que remavam no mar infinito, os ventos que fustigavam o rochedo onde se erguia o monumental castelo de Gaeta, trazendo-lhes aromas e até o murmúrio de conversas distantes em línguas estranhas. A convivência suavizou desconfianças e inflexibilidades, as apreensões dissolveram-se na rotina e a proximidade despertou paixões. E entregaram-se um ao outro.

Os catalães também participaram na festa de D. Afonso com os seus espetáculos: simulações de batalhas entre mouros e cristãos, todos montados em cavalos de algodão, confeccionados em tecido sobre esqueletos de madeira, com longos panejamentos laterais para ocultar as pernas de quem os manejava. Noutra parte da cidade, encenou-se a representação das virtudes que caracterizavam o rei. Uma torre altíssima abrigava a magnanimidade, a clemência, a constância e a liberalidade. Ao lado da construção, uma cadeira vazia: o sítio perigoso, que, como declarou uma das virtudes alto e bom som, pertencia exclusivamente ao conquistador de Nápoles. Em seguida, travou-se um combate entre dez cavaleiros

coroados com escudos com o brasão de Aragão, e homens selvagens, cobertos de peles e armados com maças.

Magnanimidade, clemência e liberalidade. Como se aquela torre estivesse ali disposta para Arnau, para lhe indicar que precisaria de despertar todas essas virtudes em D. Afonso para obter o seu perdão. A ofensa cometida contra o rei aumentava em gravidade conforme o dia avançava e se sucediam a música, os cânticos, as danças, os gritos, os brados de exaltação e as fervorosas demonstrações de afeto, respeito e devoção por toda a cidade de Nápoles: a rica, a nobre, a pobre, a laica e a religiosa. Tudo aquilo transformava aquele rei sem coroa num deus que Arnau se atrevera a insultar. Já não importava a humilhação sofrida às mãos do meio-irmão Gaspar. Por mais que lhe doesse, por mais que a ira ainda lhe enrijecesse os músculos quando se lembrava de ter ficado de joelhos enquanto aquele cão cobarde era agraciado com honrarias que cabiam apenas a soldados nobres e valentes, compreendeu que não havia justificação para confrontar o soberano.

— D. Afonso! Aragão!

O grito ecoou pelas ruas de Nápoles. Arnau uniu a sua voz aos brados que se sucederam, como se com isso pretendesse expiar a sua culpa:

— Seguidores vencem!

— Viva el-rei de Aragão!

— D. Afonso! Aragão!

As festividades desenrolavam-se por toda a cidade, alternando diversões e missas com as visitas que o monarca programara fazer aos seis *seggi* de Nápoles.

O dia chegava ao fim. Entre espetáculos e festas, D. Afonso percorreria os *seggi* de Nápoles, as organizações municipais responsáveis pelo governo da capital, encarregadas de julgar, conceder a cidadania, estabelecer normas de policiamento urbano e deliberar sobre assuntos suntuários, de representação e até religiosos, como funerais. Dos seis *seggi*, um era o do *Popolo*, composto por cidadãos comuns e que o rei não tardaria em dissolver, receoso e até ofendido pelo poder da população, que tantos problemas causara ao seu pai e a ele próprio em Barcelona. Os outros cinco eram formados por nobres de antiga linhagem; entre esses, dois destacavam-se como os mais prestigiados: o Nido e o Capuano.

D. Afonso previra aboletar-se na fortaleza Capuana, pelo que o último *seggio* que honrou com a sua presença foi o Capuano, próximo

do castelo. Nem mesmo o rei podia determinar quem fazia parte dessas instituições reservadas a nobres e patrícios napolitanos, conservadores, gerontocráticos e guiados por critérios endogâmicos. No entanto, devido à caótica situação da cidade quando os aragoneses a conquistaram, à residência de Arnau no palácio que pertencera a Domenni, em território vinculado ao *seggio* Capuano, e à origem aristocrática de Sofia, pertencente a uma família de antiga linhagem napolitana, a família do conde de Navarcles foi admitida entre os seus membros.

A comitiva percorreu o Decumano Maior, a rua que levava ao beco onde se erguia o palácio Estanyol. Do carro, o rei ouviu os cânticos religiosos e hinos entoados pelos coros das igrejas por onde passava o cortejo: San Pietro a Maiella, Santa Maria della Pietrasanta, San Paolo Maggiore com as suas colunas de granito, aproveitadas do templo pagão sobre o qual fora construído. Quando D. Afonso ouviu e saudou os de San Lorenzo Maggiore, Arnau sentiu os nervos a apertá-lo: duas ruas adiante, na direção do castelo Capuano, ficava o edifício que abrigava o *seggio* Capuano, a sede do governo daquele bairro, em direção ao qual se apressaram, ultrapassando uma comitiva que se detinha amiúde devido a um baile, um espetáculo ou apenas devido à aglomeração de gente.

O edifício do *seggio* possuía uma *loggia*, um vasto pátio porticado, com colunas ao estilo do claustro de um mosteiro e decorado com tapeçarias e cortinas, em cujo interior se encontrava um coro composto por dezenas de jovens mulheres e esposas, entre as quais Sofia; estas provinham das diversas famílias nobres que integravam o *seggio* e tocavam flauta acompanhadas pela batida rítmica dos seus pés no chão. Ali se encontravam também os homens, os representantes do *seggio* Capuano, com Arnau alinhado entre eles, para receberem o rei, que, já a pé, os saudou um a um com um movimento de cabeça à medida que lhe eram apresentados.

Arnau pugnava por se manter direito, sentindo-se tenso, encolhido, assustado como uma criança apanhada numa travessura, ou como se aquele homem com quem lutara durante anos, com quem partilhara as alegrias da caça e de quem se tornara íntimo, fosse agora um desconhecido.

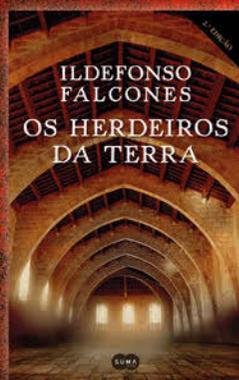
Era o seu rei!, mas D. Afonso fez um esgar e passou por ele sem se dignar a cumprimentá-lo.

Um mundo prestes a mudar para sempre.
Um homem marcado pela força da sua linhagem.
Uma história de amor, lealdade e vingança.

Ano de 1442. Arnau Estanyol, neto do protagonista de *A Catedral do Mar*, serve com devoção o rei de Aragão na conquista de Nápoles quando os eternos inimigos da família aproveitam a sua ausência para invadir o seu palácio e atacar a sua enteada, a jovem Marina, com consequências devastadoras para todos.

Assim começa um romance épico deslumbrante que percorre a segunda metade do século xv, anos que marcaram o fim do obscurantismo medieval e o início de um período mais luminoso, o Renascimento. Arnau Estanyol, herdeiro desses tempos sombrios, verá como o mundo se transforma à sua volta, como a arte da guerra muda e como o amor é capaz de enternecer o coração mais endurecido.

No Amor e na Guerra é o terceiro volume de uma saga imprescindível para todos os amantes dos melhores romances históricos, pela mão de um autor com mais de 11 milhões de exemplares vendidos.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-137-5



9 789895 891375